

**CEDI**

**Povos Indígenas no Brasil**

Fonte: O Popular

Class.: 59

Data: 25.03.82

Pg.: \_\_\_\_\_

# Funai reativa atração dos Canoeiro

Funai reativou, em Cavalcanti, Nordeste goiano, a frente de atração dos Avá-Canoeiro, o último grupo indígena arredio ainda existente no Estado. Desde dezembro, devido às chuvas, a expedição entrara em recesso e a última vez que os silvícolas foram vistos procuravam abrigo nas matas.

Os Avá-Canoeiro de Cavalcanti talvez não somem mais de 20 pessoas e o outro grupo da tribo foi pacificado por Apoena Meirelles, há poucos anos, em Formoso do Araguaia, depois de mais um quinênio de tentativa de aproximação por parte da Funai, num trabalho dirigido pelo sertanista Israel Praxedes, recentemente falecido em Goiânia.

## HOSPITALIDADE

Também chamados de caras-pretas, os Avá-Canoeiro eram uma numerosa tribo que pagou caro pela hospitalidade que praticava. Eles aceitavam em suas aldeias os negros fugitivos das fazendas, o que lhes valeu grande perseguição por parte dos fazendeiros da região, a ponto de terem sido quase exterminados.

A miscigenação — negro e índio — levou ao surgimento dos caras-pretas atuais, que têm características das duas raças. Os Avá-Canoeiro aprenderam com os escravos a trabalhar o couro e alguns metais e apreciam muito a carne de equinos.

Pressionados pela fome, pois são nômades e extremamente temerosos de contatos com os civilizados, eles costumam abater animais em fazendas e a expedição da Funai os segue para protegê-los. Seu temor pelos civilizados aumenta com a constante animosidade que lhes demonstram garimpeiros e caçadores.

O último contato com esses índios aconteceu em junho do ano passado, quando um grupo de 15 interceptou um funcionário da frente de atração e levou os gêneros alimentícios que ele conduzia numa canoa.

## SINDICÂNCIA

A Fundação Nacional do Índio não divulgou ainda a conclusão da sindicância para apurar as irregularidades praticadas por funcionários do órgão na aldeia de Galheiros, dos índios Kraô. Em encontro que teve com o cacique João Canuto, chefe da aldeia, em 18 de janeiro, o presidente da Funai, Paulo Moreira Leal, prometeu averiguar as denúncias e dentro de dois meses já teria um resultado.

Entre as principais denúncias feitas pelos índios estava a falta de medicamento e omissão do serviço de saúde, que chegou a deixar alguns integrantes da tribo morrerem por falta de assistência. Eles denunciaram também que funcionários do órgão estariam adquirindo na aldeia produtos agrícolas por um preço e vendendo-os por preço bem superior na cidade de Itacajá.

## CONFLITO

Essas acusações foram feitas depois que os índios tiveram um atrito com agentes da Polícia Federal e funcionários da Funai, em janeiro. Na ocasião, os Kraô tomaram uma metralhadora e quatro revólveres da polícia e espancaram dois funcionários que haviam denunciado um indigenista amigo da tribo de estar plantando maconha na aldeia e induzindo-os a tomarem bebida alcoólica. Um dos funcionários chegou a ficar com uma costela fraturada em decorrência dos espancamentos, e outros foram aconselhados a não deixar a reserva até que a Funai enviasse um representante à aldeia para resolver o impasse.

No encontro de caciques e o presidente do órgão, realizado dias depois em Brasília, o presidente da Funai não permitiu que índios se avistassem com o delegado regional Ivan Baiocchi. Grande parte das acusações dos caciques foi feita contra ele. Diante disso, Paulo Leal garantiu aos índios que durante a sindicância o delegado estaria proibido de entrar na reserva dos Kraô.